

# Línguas clássicas: o que se ensina, para quem se ensina e como se ensina no Brasil<sup>1</sup>

Henrique Cairus - UFRJ

Fernando Barata foi nomeado por Carlos Chagas, então Governador do Estado da Guanabara, para, no ano de 1970, encabeçar a Secretaria de Educação e Cultura daquela unidade da Federação que teria apenas mais cinco anos de existência. A peculiaridade deste fato é que um professor de letras clássicas mais uma vez ocupava um lugar fundamental para a educação no Brasil.

A Guanabara comemorava dez anos de existência, e sentia um declarado orgulho por colocar-se acima dos desígnios governamentais que transferiram a capital administrativa para Brasília, como se dizia então, mas não foram capazes de transladar a capital cultural do nosso País, que, assim, no desejo dos guanabarenses e no imaginário nacional ainda permaneceria por muito tempo sob o Corcovado.

Não seria a primeira e nem a última vez que um personagem de formação em letras clássicas coloca-se em lugar político tão proeminente no Brasil. Poderíamos falar, por exemplo, da importância política, no século XVIII, dos chamados Professores régios, nomeados no Brasil, para o ensino de retórica, latim e grego<sup>2</sup>. É conhecida a sua atuação no cenário político, bem como suas reclamações da degenerescência do ensino em terras brasileiras, graças a pouca importância que aqui era dada às Letras Clássicas, especialmente nesses seus três “formatos”: Língua latina, língua grega e retórica.

O que se observa, contudo, é que, independente das circunstâncias, optamos claramente pela filiação à ocidentalidade. E nunca, nem na mais radical antropofagia modernista ou na mais bem temperada geléia tropicalista, nunca nos curvamos ao fato de não podermos apontar para o chão e dizer que aqui não pisou César nem Platão. Ao contrário, nossa literatura, nossa academia, nossa arquitetura, nossa arte e sobretudo nossa história trazem a identidade ocidental para este nosso solo, e nessa construção identitária as referências clássicas são o elemento fundamental.

Apesar disso, o formato institucional do ensino das letras clássicas e a necessidade de apressadamente justificar o lugar dos estudos clássicos em um mundo tecnicizado levou não só o Professor Fernando Barata, mas muitos professores e mestre-escolas de latim e grego a tentar justificar suas áreas com argumentos que, conquanto frágeis, são bem engenhosos.

---

<sup>1</sup> Palestra isolada no IEL – UNICAMP, em 2008.

<sup>2</sup> v. SANTOS, Afonso Carlos Marques. No rascunho a Nação: inconfidência no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (Biblioteca Carioca), 1992.

O Professor Fernando Barata, em 1970, ao despedir-se de sua cátedra, para assumir a Secretaria para a qual fora designado, procura trazer o ensino do grego para uma realidade científicante, onde o estudo dos idiomas clássicos (e só esses) poderiam dar uma contribuição fundamental ao raciocínio científico. Dizia o catedrático: “Há ciência nas letras e há humanismo nas ciências. Entre parênteses: é por esse motivo que, nas nossas aulas de grego, com certo rigor científico, utilizamos com frequência modelos mais amplos, como elemento formativo daqueles que, afastados de disciplinas das ciências exatas, precisam assimilar o método mental de inferência tanto dedutiva quanto indutiva. (...) O indivíduo se realiza agindo e comunicando-se. Realiza-se agindo, criando racionalmente, esteticamente, tecnologicamente. (...) Ora, a cultura grega é essencialmente uma cultura de criatividade; mais do que ninguém, os gregos criaram” (In: *Littera*, 3, 1971). Segue-se a isso um verdadeiro encômio à Grécia, em relação à qual só cabe à modernidade “atualizar a eternidade de suas obras”. Mas, para isso, “exige-se o íntimo conhecimento da língua para a economia da linguagem”.

A partir desse ponto, o discurso do Prof. Fernando Barata passa a nos interessar ainda mais. Segundo o catedrático, “este conhecimento íntimo se verifica primeiro com a íntima vivência do mecanismo geral da mente humana, como gerador de linguagem; (...) consideramos o grego excelente auxiliar da Lingüística; e, depois, com o manejo das línguas modernas, quer nacional, quer as estrangeiras” (*loc.cit.*). Ao final, o orador sentencia: “o grego e o latim nas nossas faculdades têm essencialmente o papel básico de auxiliares do Português”. Mas não deixa de lembrar que “é muito vasta a relação de inúmeras personalidades que foram extraordinários helenistas”. Para exemplificar essas grandes personalidades, o nosso catedrático cita John Stuart Mill, se fosse outra a sua orientação ideológica, talvez evocasse Engels.

Todo esse empenho é uma evidente defesa, quase tão antiga quanto o Brasil, dos estudos clássicos no Novo Mundo.

Se a palavra de ordem é ciência, as línguas clássicas são “científicas”, se a palavra de ordem é lingüística, elas são “excelentes auxiliares” da lingüística, etc.

O ensino das línguas clássicas sempre se sentiu ameaçado no Brasil, sempre se sentiu acompanhado por um fantasma que ora ronda nossa inserção no ocidente, ora causa temores de perdermos algo que tento entender adiante.

Sou professor de grego, e juro que dizer isso me é tão estranho quanto parece soar aos que o ouvem.

Professor de uma língua morta, uma língua sem falantes nativos vivos, e isso num lugar a milhares de quilômetros de onde essa língua foi falada há muito tempo.

Tudo isso é, lingüisticamente, tão excêntrico quanto ensinar lituano na Malásia. E, apesar

disso, não é assim que as pessoas parecem perceber os que se dedicam ao estudo ou ao ensino do grego.

Claro que isso se deve sobretudo ao lugar que o grego ocupa no imaginário das pessoas. E o que parece mais surpreendente é que as pessoas não dão ao grego sempre a mesma conotação, sem deixar, contudo de reconhecer-lhe algum valor – que pode chegar a ser realmente grande.

O convívio assíduo com uma língua morta, para quem trabalha com ela, gera oscilações radicais na sua apreciação. Ora alguns a vêem lingüisticamente, ou seja, como uma mera língua; ora esses mesmos ou outros a vêem filologicamente, isso é, como uma língua que nos legou textos que precisam ser devolvidos às vistas públicas; ora ela é vista como um dos elos de uma das cadeias sucessórias de línguas, que nos levariam ao indo-europeu ou sei lá onde, e ora a vemos, nós todos que a estudamos, como um umbral por onde se pode exclusivamente adentrar uma cultura que reconhecemos como fundadora de uma identidade civilizatória.

Isso justificaria todo o interesse pelo grego, mas parece não ser suficiente para algumas pessoas, que buscam no grego, assim como buscariam no latim ou no alemão, uma vocação para o pensamento e uma predisposição filosófica.

O primeiro trabalho que publiquei na vida esbravejava contra essa crença, e hoje parece-me que eu mesmo confundia o pensamento com a filosofia. Isso porque, no caso do grego (e somente do grego), é tão absurdo crer que ele seja menos filosófico quanto mais propício ao pensar. Pensar é uma faculdade humana (embora eu acredite cada vez menos nisso), e a filosofia é um sistema muito limitado de pensamento que teve sua origem entre os gregos, e que, por essa razão, não se pode descartar a possibilidade de a língua grega ser-lhe mais apropriada.

É verdade que outras culturas incorporaram esse sistema, que, portanto, deixou de ser exclusividade da expressão grega. Essa difusão do pensamento filosófico trouxe às línguas novas possibilidades estilísticas, e à filosofia novas perspectivas pelas quais se perdeu ainda mais.

Ainda que correta, a idéia aparentemente anti-lingüística de que o grego é uma língua vocacionada ao pensamento filosófico traz dois problemas basilares de onde derivam muitos outros. O primeiro problema refere-se à mitificação sem sentido da língua, que passa a ter poderes de evocar uma forma de pensamento que – sei lá porquê– resolveu-se considerar privilegiada. O outro problema é atribuir ao sistema filosófico um lugar que ele nunca teve entre os gregos antigos, para os quais o interesse – de resto muito grande – nos recursos lingüísticos só ganhou ares filosóficos entre um pequeno grupo, que, de tão contrário àquela sociedade, teve seu mestre epônimo condenado à morte.

Aos poucos, porém, o interesse pelo grego, outrora fundamentado na mítica da língua filosófica e na busca – por vezes cheias de falsos atalhos – das origens reveladoras, agora se renova em outra vertente, uma vertente estranhamente mais próxima do interesse que os próprios gregos

dedicavam a sua língua. Esse interesse atual é o da retórica dos púlpitos pentecostais, que procuram nas línguas originais da Sagrada Escritura os argumentos que sustentam seus proselitismos pretensamente fundamentalistas. Seus equívocos metodológicos são praticamente os mesmos daqueles que, orientados por leituras (às vezes apressadas) de Heidegger, por exemplo, soem perder-se nos atalhos promissores que nos unem a uma certa origem. E, malgrado a coincidência entre os equívocos metodológicos, são salvos nossos 'filósofos' por não serem, ao menos, tão proselitistas quanto os cristãos fundamentalistas.

Assim, especialmente ensinar grego continua a ser um eterno converter ao pensamento os que o rejeitam aprioristicamente, muitas vezes em nome de uma filosofia; outras, em nome de uma religião.

O ensino de línguas antigas, cuja volta às escolas é requerido por tantos e tantos saudosistas, já foi muito mais instrumento do que chamo, sem piedade, de tortura didática do que de uma abdicada preocupação com a pretensa solidez do conhecimento. A tortura didática consiste fundamentalmente em obrigar crianças a decorarem declinações e conjugações e depois a terem a ilusão de que traduzem grandes autores clássicos, mas sem relacionar nada disso com alguma coisa que realmente tenha relevância para ela. Ou, na melhor (melhor?!), das hipóteses, relacionam esse saber com o bem pensar ou com a melhor compreensão das estruturas do português.

Esses argumentos já foram discutidos, mas o que provoca a curiosidade de qualquer pessoa é o discurso quase unânime de uma geração que diz com um estranho saudosismo que já traduziu Cícero ou César na escola, mas agora não seria mais capaz de declinar 'rosa'.

De fato, isso é estranho. Um saudosismo de um conhecimento que parece não ter feito o menor sentido, e que chegou a ser completamente esquecido! E mais estranho ainda será se perguntarmos a uma dessas pessoas a razão da saudade. Já fiz isso algumas vezes, e as respostas não são diferentes dos argumentos que sustentavam a própria tortura didática sobre a qual falei. É o discurso da instituição reproduzido e usado como um legitimador, como algo que confere autoridade; o que me faz até mesmo supor que haja subreptício lamento de que não se sofra mais o que eles sofreram.

Nunca ouvi de nenhuma das pessoas com quem conversei uma expressão de satisfação por poder apreciar a arte de um autor latino. O que, ao meu ver, poderia justificar todo o esforço para aprender uma língua antiga.

Uma língua antiga é uma peça arqueológica; deve ser tratada com respeito, e interessa sobretudo a especialistas no pensamento e na história desse povo desaparecido. Esses especialistas, assim como aqueles que se dedicam à literatura, sentem necessidade autêntica de estar perto desse falar extinto, perto de um dos elementos mais relevantes da cultura que estudam.

E as pessoas que se interessam por esses assuntos para onde vão? Aonde vão buscá-los? Naturalmente que nas universidades. Essas, por sua vez, freqüentemente oferecem um modelo ainda

baseado na estratégia da tortura didática. E dois dos instrumentos mais interessantes disso que estou chamando, com todos os riscos, de tortura didática são:

(1) A burocratização do ensino da língua, que passa de idioma a um apanhado (por vezes muitíssimo bem arrumado) de paradigmas verbais e nominais e de estruturas sintáticas devidamente indexadas pelo grau de dificuldade,

e (2) a perversa inversão absurda da ordem possível na prática da tradução, pois, não raro, os textos nessas línguas são traduzidos antes (e não depois!!!!) de serem lidos. E são traduzidos para serem lidos! Isso pode parecer um absurdo para muitos, mas é exatamente essa a prática disseminada. E essa prática é, parece-me, fruto de uma estratégia didática de aprender essas línguas através da tradução.

A estratégia não é mal pensada, ao meu ver: seu objetivo é substituir a fluência oral, mecanismo natural no ensino de LE ou L2, pelo prazer de traduzir. Isso me parece ótimo, mas parece-me também gerar dois outros problemas. O primeiro é o da dessacralização do ato de traduzir e do texto traduzido, e a segunda é o afastamento do 'leitor/tradutor' da possibilidade de uma apreciação estética do texto, com seus recursos próprios e com seu estilo peculiar. E esse afastamento é tão grande, que raramente se vê nas universidades treino de leitura de textos antigos ou mesmo alguma preocupação com questões teóricas e práticas acerca da pronúncia e da sonoridade do idioma. E mais, nota-se, em alguns cursos, até mesmo o desprezo pelo conhecimento do vocabulário!

A grande marca dos estudos de grego e de latim, assim como o das outras línguas ditas mortas, é a indissociabilidade entre a língua e a literatura. Isso porque essas línguas só existem nos textos escritos, e mais do que isso, só existem nos textos copiados copiosamente.

Nem todos os textos que nos chegaram nessas línguas são literários, é verdade, mas praticamente todos os textos escritos nessas línguas são estudados pela mesma disciplina, que com vários nomes, tais como filosofia antiga, literatura, história antiga etc., é, na verdade, uma única e mesma: Estudos Clássicos! E, para essa disciplina, o texto ocupa um lugar fundamental, mesmo com todo o avanço metodológico dos estudos da iconografia e das representações imagéticas em geral.

Assim, as Letras Clássicas são parte fundamental dessa grande disciplina, e sua identidade dentro desse conjunto é conferida sobretudo pela sua relação com a lingüística. E, apesar disso, a lingüística não pode sustentá-las.

Não pode porque as Letras Clássicas, como todos os Estudos Clássicos, tratam do passado, e precisam de ferramentas específicas para lidar com esse passado; ferramentas que tornem seus pesquisadores cientes dos anacronismos seus e alheios. Para isso, dispomos do instrumental teórico das disciplinas históricas, dos quais nos valem, mas que ainda é pouco.

A prática da pesquisa e do ensino em Letras Clássicas no mundo contemporâneo segue um desses dois caminhos: o estudo dos meios de produção e o estudo da recepção (aplicada a vários momentos e contextos). Esses estudos unem-se, quando a temática refere-se ao momento de produção. É o que acontece com a moderníssima vertente dos estudos clássicos que se dedica à performance, e que evidentemente não pode abdicar das ferramentas que a área de história nos oferece e nem de seu papel de interlocução cada vez mais necessário. Um objeto como a métrica, por exemplo, pode ser visto do ponto de vista da produção (que leve em consideração a recepção coeva) ou da recepção em outras épocas ou em outros contextos diferentes do da produção.

Para voltar ao tema central desta fala, sinto-me no dever de dizer que é preciso que assumamos com toda a clareza que o interesse pelas letras clássicas é uma questão axiológica e identitária, e não pode estar submetido à fragilidade das ideologias políticas que vemos ser manipuladas com tanta facilidade e indiscrição.

Gostaria de encerrar esta fala com um breve elogio à erudição, e dizer que, apesar de todas as dificuldades criadas em nome do conhecimento das origens e em nome de outras coisas ainda mais estranhas, ainda ronda almas privilegiadas o verdadeiro gozo de sentirem-se inseridas em uma tradição que nos afere identidade, e, portanto, tem a missão de fazer-nos o que somos, de preservar nossas referências, nossas raízes requeridas (mas jamais naturais!), que nos colocam em contato com o que julgamos ter sido e com quem nos sentimos verdadeiramente felizes. Mais felizes do que nos sentimos ao reconhecer na velha fotografia a antiga casa do avô, porque ao ler um texto grego ou latino sentimos tão vivamente isso que, cercados da anuência de todo um grande ocidente, somos obrigados a admitir — e admitir com mais veemência se o lemos na língua original: este é um clássico!